

Tema: Sector Vitivinícola						Âmbito: Nacional	Tiragem: 24000
Título: Crasto – Duas vinhas, dois Portos						Temática: Generalista	GRP: 1.2
2006/05/26	O INDEPENDENTE – PRINCIPAL	Pág.51	Imagem: 1/1			Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

CRASTO Duas vinhas, dois vinhos



Fiz uma visita à Quinta do Crasto, em Gouvinhães, há uns anos, a convite de Jorge e Tomás Roquette – o patriarca e o filho da família proprietária –, e fiquei deslumbrado com a beleza, as suas escarpadas vinhas e a vista sobre o Douro. A adega, apesar de ser pequena, foi estudada ao pormenor, dispondo de toda a tecnologia de vinificação e estágio dos diferentes vinhos. Tomás Roquette mostrou-me um mapa do famoso Barão de Forrester, um apaixonado por esta região, que cartografou com minúcia as várias quintas da época, entre as quais esta Quinta do Crasto. Outros documentos ainda, datados de 1927, retratam as vinhas que continuam a produzir dois dos mais afamados vinhos desta quinta: o Vinha Maria Teresa e o Vinha da Ponte. Com diferentes exposições e altitudes, as vinhas têm a sua originalidade por serem muito antigas (cerca de 90 anos) e, como era costume no período em que foram plantadas, por misturarem dezenas de castas. O Vinha Maria Teresa tem ainda a curiosidade de ser assim chamado em homenagem a Maria Teresa, matriarca desta família, ainda viva. A Quinta do Crasto é um dos produtores com maior consistência e o que melhor conseguiu levar os seus vinhos além-fronteiras. São inúmeros os prémios que recebeu. Mas este produtor não está ancorado ao seu brilhante passado. Jorge Roquette tem investido na reestruturação, sempre com enorme respeito pelos métodos “antigos”, plantando vinhas novas com as castas misturadas, a que carinhosamente chama Vinha do Mosaico. Nesta pequena revolução, Roquette conta com o afamado “flying winemaker” Dominic Morris, que literalmente arregaa as mangas nas vindimas para atingir a qualidade desejada.

Álvaro Roneberg